

O LIVRO DE JÓ: UMA CATEQUESE PARA UM POVO FRACASSADO EM SUA ESPERANÇA

Prof^a. Me. Flávia Luiza Gomes Costa*

RESUMO

O artigo analisa o livro de Jó propondo uma leitura que perpassa pelo processo prévio de análise do contexto histórico de sua emergência e assim da narrativa, observando a partir das características da época de sua elaboração a mensagem catequética tencionada pelo autor ao povo judeu. Nesse processo é possível perceber que entre as questões de fundo do livro encontra-se a reflexão sobre a religião interesseira a partir da Teologia da Retribuição apontando para uma prática religiosa gratuita. Num tempo de regresso do exílio a esperança do povo se frustra no sonho da restauração diante das adversidades externas e internas enfrentadas. Assim, o autor deseja levar uma mensagem a um povo que se vê em meio ao fracasso de suas esperanças a fim de que não se fiem no abandono de Deus e nem no sinal da sua bênção baseado na riqueza, mas antes percebam o seu

ABSTRACT

The article reviews the book of Job proposing a reading that pervades the process of prior analysis of the historical context of its emergence and thus the narrative from observing the characteristics of the time of its drafting the message catechetical tensioned by the author to the Jewish people. In this process it is possible to notice that among the issues in the book is a reflection on the self-serving religion from the Theology of Retribution pointing to a free religious practice. In a time of hope to return from exile of the people become frustrated in the dream of restoring the face of adversity faced external and internal. The author wishes to carry a message to a people caught in the middle to the failure of his hopes to not rely on the abandonment not rely of God and not the sign of his blessing based on wealth, but realize

* Especialista em Teologia Bíblia e Mestre em Ciências da Religião. Professora da Faculdade Unida de Vitória no curso de Especialização em Ciências da Religião em Belo Horizonte. E-mail: flavia@clrgomes.com.br

amor em meio à tempestade que traz a convicção de poder viver bem, mesmo quando nem tudo pode ser previsível e respondido. Deve-se amar a Deus simplesmente porque ele é amável e a bênção está simplesmente no fato de temer a Javé.

Palavras-chave: Teologia. Retribuição. Gratuidade. Religião. Catequese.

their love in through the storm that brings conviction to live well even when not everything can be anticipated and answered. One should love God simply because he is kind and the blessing is simply the fact that fear the Lord.

Keywords: Theology. Retribution. Gratuity. Religion. Religious. Catechism.

INTRODUÇÃO

Aproximar do livro de Jó é se colocar diante de um desafio. Não é um livro fácil de ser entendido até mesmo pelo estigma criado em torno da personagem Jó sobre sua paciência em meio a uma situação de perda, mantendo-se resignado até obter uma grande restituição da parte de Deus como recompensa pelo seu bom comportamento.

Para uma leitura frutuosa que não se deixe amoldar a priori pela imagem mais popularmente veiculada de Jó, se faz necessários cuidados preliminares para que a leitura do livro e sua aplicabilidade não incorram com mais probabilidade em equívocos. Basta observar o veredito condenatório emitido por Javé a respeito dos discursos dos amigos de Jó, embasado no fato de que não falaram corretamente sobre Deus. Fato é que tantas teologias e discursos têm sido erigidos ainda hoje sobre os textos que narram as falas e argumentos dos amigos equivocados.

Jó é um livro que faz brotar muitas perguntas. Entre elas podem-se destacar algumas fundamentais: existe religião gratuita ou ela sempre será um comércio interesseiro? O pobre o é por que está em pecado e por que não tem fé em Deus? Qual é o sinal da bênção de Deus? Riqueza, prosperidade, ou apenas o fato de temer a Deus?

Essas e muitas outras questões se colocam na mira do autor a fim de trazer uma mensagem a pessoas sofridas num tempo específico. Para o entendimento, portanto, dessa catequese objetivada, é relevante e salutar considerar o contexto do livro para diante do mesmo analisar o texto propriamente e assim chegar à mensagem de catequese que o autor conformou por meio de sua narrativa.

1. SITUAÇÃO HISTÓRICA EM QUE O LIVRO NASCE

Sobre o livro de Jó muitas suspeitas surgiram a respeito da data de sua escrita e sobre o fato de ser uma descrição de um episódio acontecido ou uma narração com um fim catequético. Esse faro investigativo no tocante a Jó evidencia-se ainda bem cedo quando já *no Talmude o rabi Resh Lakish emite a opinião de que Jó nunca existiu e o livro é uma parábola* (TERNAY, 2001, p. 13).

Seguindo o rastro de suspeitas os estudiosos modernos apontam que a data para a elaboração da narrativa sobre Jó seria por volta do século V. É uma época que precede a chegada de Esdras na Palestina que vai impor à vida do povo a pressão da Lei. A atitude cética e a revolta dos contemporâneos de Malaquias (Ml 2,17; 3,13-18), as tristes condições morais e sociais das quais se referem textos que relatam sobre a situação pós exílica como Is 58,7; 59,7-15, coincide em boa parte com a mensagem do livro de Jó. Ainda como indício para a aproximação da data do livro considera-se a escrita carregada de aramaismos presente em Jó, o que remete a uma época tardia na qual este idioma era praticado nos ambientes judeus.

Dessa maneira, partir para refletir sobre o livro de Jó é colocar-se a analisar o período do pós-exílio no contexto da Palestina sob a dominação persa. Pois, é nesse tempo e lugar que o livro de Jó nasce. Mais precisamente *é possível estabelecer a data entre os anos 450 e 350 a.C.* (DIETRICH, 1996, p. 17).

É um tempo marcado pelo anseio de restauração por parte dos que regressaram da Babilônia para a Palestina. O retorno foi viabilizado devido à conquista da Babilônia por Ciro em 539 a.C. Por meio de novas estratégias de dominação, Ciro permite aos israelitas retornarem para sua terra em 538 a.C. retomando suas vidas com muita esperança. Mas logo fica evidente que essa atitude do novo soberano não se conforma por bondade, mas por estratégia de dominação. Aos persas interessava ter na Palestina um povo favorável, com o qual mantivesse relações amistosas, por ser local de fronteira com o Egito.

Os então libertos regressaram cheios de esperança na restauração, mas enfrentaram muitas dificuldades. A questão que se coloca no íntimo brota da indagação sobre o motivo de sofrerem tanta dificuldade, já que eles tinham sido fiéis a Javé retornando e engajando num projeto de restauração. Nesse processo de esperanças se contrapondo à realidade dura de sofrimento

enfrentada pelos desterrados em seu retorno é que se tem o subsídio para compreender as interrogações e questões com as quais lida o livro. Portanto, o livro de Jó deve ser visto sob o pano de fundo da vida e da experiência do próprio povo judeu de onde advém a motivação para o escrito.

Esses fiéis judeus se viram em meio a uma severa crise socioeconômica sob a dominação persa no período inicial ao pós-exílio. Foi um período marcado por um violento processo de dominação e exploração resultando de um novo sistema de taxação de impostos.

Os persas aperfeiçoaram o sistema de dominação. O império foi dividido em regiões chamadas sapatrias, sendo Judá uma sapatria. O valor do tributo que cada região deveria pagar era fixado pelo império persa. O grande problema era que exigiam o pagamento dos impostos em moeda e o valor do tributo estabelecido em ouro. Sendo assim, os camponeses tinham que em primeiro lugar vender o que produziam para depois pagar os impostos que resultavam de *um montante fixo, a partir do resultado da transação* (CERESKO, 2004, p. 77). A necessidade de vender os produtos aumentava ainda mais a exploração.

Logo, quando ocorria uma seca ou uma queda nos preços de mercado os proprietários de pequenas fazendas e camponeses viam-se em dificuldades. Os que não conseguiam levantar a quantia necessária para pagar os impostos eram forçados a se endividar e a hipotecar seus bens. Dentro desse esquema de exploração os proprietários de terras abastados, entre os próprios compatriotas judeus, ficavam cada vez mais ricos. Isso porque, como relata o capítulo 5 de Neemias, os pequenos proprietários de terra acabavam por entregar a casa e as propriedades ancestrais. *Fomos obrigados a vender os nossos filhos e filhas para comprar trigo, e assim comer e não morrer de fome. Outros diziam: Passamos tanta fome que precisamos hipotecar nossos campos, vinhas e casas para conseguir trigo* (Ne 5,1.3.5).

Alguns chegaram à realidade de ter que vender os filhos como escravos para estrangeiros para pagar dívidas contraídas com seus compatriotas israelitas. Esses pareciam ávidos para explorar aproveitando da situação, pois cobravam altas taxas de juros e se apressavam em executar as hipotecas (Ne 5,5).

Outro agravante se encontrava no fato de que a relação entre o império e o povo era intermediada pelo Templo de Jerusalém.

Era o Templo o responsável em arrecadar os produtos agropecuários. Assim fazendo, ficava com uma parte para si e vendia a outra parte para pagar o tributo. Ao que parece a agricultura estava se voltando para o mercado. Os camponeses não mais plantavam para sua subsistência, mas para atender ao comércio (ROSSI, 2005, p. 14).

Assim, como se não fosse o bastante, o processo de empobrecimento e de exploração acontecia de forma dupla. Uma das causas era exterior, o império persa que dominava a Judéia nesse período, a outra era interna, pois o povo também tinha que pagar impostos ao Templo. O sacerdócio era também um dos agentes de exploração do povo.

O povo começou a perder seus bens e a passar fome por causa dessa dupla tributação (Ne 5,1-15). O quadro do período do retorno permeado de esperança na reconstrução era desesperador. A realidade que se contrapunha ao ideal que animava o retorno era a da ganância por parte de alguns que não se preocupavam com os outros, era um grupo de espertos que apenas procurava se enriquecer. As classes sacerdotais se tornaram ricas, pois recebiam os impostos do Templo (o dízimo) e a taxa de vassalagem para os persas. Dessa maneira, torna-se evidente como os sacerdotes detinham todo o controle. É no pós-exílio que nasce a questão sobre o dar o dízimo aos sacerdotes no Templo. Todo povo simples era obrigado a fazer sacrifícios e ofertas no Templo para poder participar normalmente das cerimônias religiosas (Ne 10,29-40) (DIETRICH, 1996).

Vale recordar que o dízimo no Deuteronômio era para os pobres ou para fazer um grande banquete para todos. No pré-exílio, o dinheiro que ia para o Templo era usado para os reis em suas obras como se vê a exemplo disso o fato de Pilatos que utilizava do dinheiro do Templo de Jerusalém. Assim, os deuteronomistas queriam se contrapor à ganância dos reis e sacerdotes.

No entanto, não foi apenas a vida política, econômica e social do povo que se alterou substancialmente, mas também novos temas e práticas teológicas foram sendo inseridas como referencial. *É diante desse novo tempo que se fortalece, por exemplo, a crença de que a riqueza era um sinal insofismável da bênção de Deus.* (ROSSI, 2005, p. 16).

Amós já havia falado que a prosperidade não é sinal de bênção e aprovação diante de Deus. Percebe-se uma desconexão da teoria teológica com a realidade humana. A realidade externava a incoerência na constatação

de que os judeus que não regressaram, permanecendo na Babilônia, estavam em melhores condições do que os fiéis a Javé que se dispuseram a regressar para a Palestina.

A própria experiência do exílio exigiu que os sábios pensassem sobre a relação de causa e efeito. Em Ezequiel 18 o dito proverbial corrente que dizia que os filhos pagam pelo erro dos pais é questionado. O exílio coloca em cheque essa sabedoria caracterizando esse tempo numa importância ímpar. O pessoal que trabalhava na escola da corte de Jerusalém levados para a Babilônia, ou seja, a classe pensante de Israel começa a refletir sobre a teologia de causa e efeito, muito entendida e elaborada pelos deuteronomistas, por meio da experiência vivida. Foi a escola deuteronomista que codificou a doutrina de causa e efeito a partir da história da Aliança (em Deuteronômio 27 e 28 têm-se longas listas de bênção e maldição). O que era muito tranqüilo para alguns torna-se motivo de questionamento para outros pela consideração de que a teologia vigente se tornava em muitos casos uma forma simplificada de entender a realidade.

No pós-exílio, ocorre, no entanto, uma intensificação ainda mais acirrada da relação de causa e efeito com o desenvolvimento de uma corrente que vincula a sabedoria à Lei, culminando no que vai ser evidenciada no tempo de Jesus por meio dos escribas e fariseus que entendem a sabedoria como sendo o conhecimento e obediência a Lei.

Mas, para Jesus a sabedoria consiste em obedecer e praticar a vontade de Deus. Ele propõe um esquema sapiencial de vida com base no amor onde a regra é fazer ao outro o que se quer que seja feito a si mesmo. É fato que Jesus escolheu um estilo sapiencial para transmitir sua mensagem rompendo com esse modo legalista dos escribas e fariseus.

Num viés semelhante ao que leva Jesus a propor e viver uma nova sabedoria, também leva o autor de Jó a começar, questionando, no mínimo a teologia vigente com a experiência vivida. Ele está num ambiente de crise, num momento de incertezas onde é fatídica a tendência e prevalência de manter-se o dogma e se questionar a realidade. No entanto, o autor de Jó propõe indagar a teoria a partir da realidade da experiência da vida. Assim, no afã de questionar, o dogma em relação à vida, é que nasce Jó.

Diante da situação enfrentada pelo povo regresso, fiel a Javé, era preciso pensar para além de uma resposta simplista proposta pela Teologia de causa e efeito, como o era a Teologia da Retribuição. É nesse intuito que

o livro de Jó é escrito a fim de alcançar gente fiel, simples, que outrora tinha tanta esperança de uma reconstrução na sua terra e que se depara com tanta perda e sofrimento. É uma reflexão a partir da realidade da vida.

2. O LIVRO DE JÓ

Estrutura

O livro de Jó foi escrito a partir de uma história antiga e já muito conhecida na Palestina sobre um Jó paciente. Em Ezequiel 14,14, livro escrito pelo menos 150 anos antes do livro de Jó, aparece uma tríade de homens sábios e, entre eles, se encontra Jó, além de Noé e Daniel. Essa história antiga mencionada em Ezequiel com grande probabilidade não deve ter nascido em território palestino, por ser Jó apresentado como sendo estrangeiro, de Hus (1,1). A partir disso, considera-se que Jó era proverbial entre os judaítas exilados do século VI a.C., a quem o profeta se dirigia (ROSSI, 2005).

O autor de Jó utiliza essa história antiga para emoldurar o seu livro. A característica estrutural mais evidente do livro de Jó consiste numa espécie de moldura do livro por meio dessas narrativas populares. Assim, *o livro de Jó se abre e se fecha com textos em prosa (1-2 e 42,7-17) emoldurando, como num painel a parte mais ampla e central em poesia (3:1-42:6)* (GUTIÉRREZ, 1987, p. 23).

A história antiga e proverbial é assim utilizada para emoldurar o livro, mas a parte principal é a poética. Essa diferença de estilo presente no livro acaba estruturando a idéia de que estes dois relatos não são da mesma autoria. Duas personagens diferentes são apresentadas: Jó, o paciente, herói da estrutura em prosa e Jó, o impaciente, a figura central do diálogo em poesia.

Apresentação de Jó

Na primeira estrutura, na porta de entrada do livro, tem-se a apresentação de uma figura heróica. É dito sobre Jó que ele era *um homem íntegro e reto* (1,1). Ou seja, Jó era exemplar. Além de *íntegro* que quer ressaltar a coerência interior, Jó é qualificado também de *reto* o que assinala para a aceitação por parte de Jó de normas ética. Ele pratica a justiça em sua vida social. Esse primeiro par de palavras *marca Jó como homem, cuja atitude e agir se correspondem* (HEINEM, 1982, p. 11).

A essa dupla designação tem-se ainda mais um segundo par de palavras sobre Jó no âmbito religioso e ético. O acréscimo de que Jó *temia a Deus e se afastava do mal* (1,1) configura ainda a inocência de Jó perante Deus e os seres humanos.

Os adjetivos atribuídos correspondem à sabedoria tradicional da época que assegurava para esse ideal de pessoa a riqueza e felicidade completas. Por isso, em contra partida ao estilo piedoso de vida de Jó só lhe caberia ser muito rico e feliz. Nesse viés é que o texto se põe a elencar os bens de Jó, sua prosperidade, a recompensa por sua virtude.

Em primeiro lugar relata-se o grande número de filhos e filhas, sete e três respectivamente (1,2). *Sete e três são números simbólicos. Expressam o que é acabado e pleno e querem dizer que Jó era totalmente feliz.* Falando ainda o texto sobre os milhares de animais que Jó possuía sublinha-se a riqueza fabulosa de Jó. *O tipo de posses faz pensar que Jó é visto como um camponês* (HEINEM, 1982, p. 11). Jó encarna radicalmente a figura do sábio (1,1) e por isso é muito rico.

A inocência de Jó se constituirá numa insistente afirmação ao longo de toda a obra para que não permaneça nenhuma dúvida a esse respeito que possam ser usadas para justificar o infortúnio na vida da personagem. Afinal, a afirmação de caráter econômico quer dizer algo de caráter religioso. Jó era o mais sábio tinha uma fé insuperável. É apresentado como inculpável, pois até mesmo para seus filhos oferecia sacrifício por eventuais pecados cometidos. Assim, não se dá brecha nem para afirmar, posteriormente, que talvez os filhos de Jó pudessem ser os culpados pela desgraça que acomete a vida de Jó por terem cometido algum pecado.

A dúvida de Satã

Em seis cenas a ação começa a se alternar entre eventos na terra e eventos no conselho celeste. A figura do satã entra em cena para fazer um desafio crucial no livro de Jó (1,9-11). Ele não nega que Jó é um homem bom e piedoso. O que satã questiona é seu interesse, a motivação da justiça de Jó. O que se indaga é a gratuidade de tal religião. *O comportamento de Jó não é "por nada". Para satã, a atitude religiosa, não se explica sem as expectativas da recompensa* (GUTIÉRREZ, 1987, p. 28). Satã levanta a questão da piedade desinteressada.

Nesse ponto, convém observar que o *satã* do prólogo de Jó não é o *diabo* da época neotestamentária. A palavra hebraica *satan* (que aparece sempre precedida pelo artigo definido) significa adversário, acusador e só é mencionada nos dois primeiros capítulos do livro. Não se trata, pois, de um nome pessoal, não é nome próprio, mas nome de função, designação de um cargo, uma espécie de um promotor público ou mesmo um espião cuja função é relatar todo e qualquer malfeito cometido pelos seres humanos (CERESKO, 2004; PRÉVOST, 1997).

Outro detalhe importante também é sobre a cena celeste em que o *satã* aparece. A mesma apresenta uma crença comum da época, o *conselho divino* ou *assembléia dos deuses* (1,6).

Na imaginação antiga os deuses eram retratados de acordo com os modelos dos regentes humanos. O deus principal governava como um rei as divindades menores. Estas serviam como seu conselho consultivo ou gabinete. O conselho dos deuses reunia-se para discutir tópicos importantes, receber relatórios, tomar decisões e indicar membros do conselho para a execução de ações ou publicar decretos relativos a essas ações. A teologia israelita reduziu essas divindades menores ao status de mensageiros de Javé ou “anjos” (CERESKO, 2004, p. 84).

O *satã* do prólogo de Jó, em sua função nessa corte celeste, parece desconfiado e cínico exprimindo seu ceticismo ao levantar a questão da motivação do comportamento de Jó. Trata-se de uma questão que atinge o próprio relacionamento Deus/homem.

Jó é colocado a prova

Jó é submetido a um teste em duas etapas a fim de evidenciar se *satã* tem razão ou não. Diante da dúvida de *satã*, Deus aposta na fidelidade e no amor gratuito de Jó permitindo que o adversário coloque o homem íntegro e reto à prova. Assim, é apresentada a questão central do livro que se coloca sobre o interesse e a gratuidade da fé em Deus. *Toca-o e te lançará maldições em rosto* (1,11), é o que aposta *satã*.

Primeiro ocorre a destruição de todas as posses de Jó, de sua riqueza e reputação e, por fim, até de seus dez filhos. Depois disso, uma doença atinge o corpo de Jó. Tamanho é o sofrimento desse homem que ele se

sente perto da morte. Inesperadamente tudo o que Jó possuía, os sinais da bênção de Deus, se esvai, cai por terra. Nesse momento levanta-se a indagação sobre quem tem razão: Javé ou satã? Ou seja, será que Jó vai amaldiçoar a Deus ao perder tudo ou continuará fiel? Que tipo de religião Jó pratica?

Javé ganha a rodada. A religião de Jó não depende dos bens. Ele é extremamente fiel a Javé mesmo na pobreza e na doença. O esperado dentro do contexto da Teologia da Retribuição era que Jó se revoltasse contra Deus. A questão da mulher de Jó, ao aconselhá-lo amaldiçoar a Deus, expressa a religião interesseira na qual uma pessoa que sendo justa não fosse abençoada, abandonava a Deus. Abandonava os princípios da justiça pela ausência de retribuição. Não vale a pena ser bom, dentro dessa ótica. A mulher de Jó encarna, tipifica os que pensam assim. *O que se questiona é a teimosia de Jó em manter sua coerência interior e sua conduta exemplar.* Mas Jó continua fiel (2,10), a adversidade não o faz perder sua inocência (GUTIÉRREZ, 1987, p. 31).

Contra toda a situação enfrentada no pós-exílio são, *sobretudo, as mulheres que clamam e protestam fortemente* (Ne 5,1). Assim, também, a mulher de Jó é apresentada pelo texto, por outro lado, como um contra-discurso. Isto é contra a Teologia da Retribuição. Deviam ficar caladas esperando que Deus fizesse justiça. Isso porque protestar contra a injustiça, no contexto dessa teologia, era não confiar na justiça de Deus culpando-o a fim de inocentar o homem. *Por isso a mulher de Jó é introduzida na história com um comportamento muito negativo. A forma como a mulher de Jó é pintada na história fornece uma imagem que tem por objetivo difamar a mulher que protesta.* Mas Jó, na parte poética do livro, tem a mesma atitude das mulheres. *O livro de Jó está fortemente impregnado com o perfume dessas mulheres que protestam e defendem as suas comunidades* (DIETRICH, 1996, p. 30).

Jó: um pecador?

Na atual situação Jó aparece diante de seus contemporâneos como um pecador pelo fato de ter perdido tudo, passando de um estado de completa riqueza para o extremo da pobreza. A história narrativa que abre as portas do livro vai até 2,10 com a declaração de Jó de fidelidade a Javé independente das circunstâncias. Não é uma atitude de apatia, ou de acomodação,

mas antes uma confiança em Deus e a expressão de uma religião gratuita não motivada pelo interesse.

Para fazer agora a ligação entre a parte em prosa com a poética introduz-se a figura dos amigos de Jó, que num primeiro momento se apresentam como consoladores. São três amigos estrangeiros. Na simbologia numérica bíblica o número 3 é sempre o número do ser humano. Aqui se tem a apresentação de um problema humano que toca o ser humano. A primeira finalidade dos amigos é no sentido da compaixão e da consolação. E assim procedem durante sete dias e sete noites. O número sete na linguagem simbólica significa totalidade. Da mais total alegria ao total sofrimento, a plenitude da dor, do luto, do vazio, da perda. Os amigos têm uma atitude sensata diante do sofrimento de Jó, pois a compaixão deles está em assentar ao lado de Jó sem dizer nem ao menos uma palavra (2,12-13).

O protesto de Jó

O capítulo 3 começa com o monólogo de Jó dando abertura aos diálogos seguintes. Jó quebra o silêncio de sete dias com uma série de sete maldições. Um Jó irritado, questionador entra em cena para questionar a teologia vigente a partir de sua realidade. Jó quer mostrar que *sua experiência pessoal contradiz tanto a aparência de um universo organizado como toda a asserção da justiça e lealdade do seu criador* (CERESKO, 2004, p. 86).

Ao grito de Jó seus amigos reagem. A solidariedade deles acabou quando Jó abandonou a atitude de paciência para dar o seu grito de desespero. Ficaram junto de Jó somente durante o rito. Agora os amigos dizem, com outras tantas palavras, que se Jó está na miséria e com dores é porque fez alguma coisa errada. Dizem que o rebelde é culpado e que por isso merece o sofrimento. Acrescentam ainda que para estancar o sofrimento Jó deve se reconciliar com Deus.

Jó, no entanto, ao se deparar com tais argumentações pede solidariedade (6,12-21). Ele não deseja ajuda material, mas pede aos amigos que o auxiliem a entender o que estava acontecendo (6,22-29). Os amigos, no entanto, continuam recitando conceitos e não conseguem ouvir o clamor de Jó.

Assim, quarenta capítulos são marcados por longos debates, onde os amigos fazem cada um três discursos aos quais Jó responde. Os amigos passam a ser acusadores na tentativa de explicar o sofrimento de Jó,

defendendo a Deus em detrimento do simples bom senso de analisar a realidade vivida por Jó para além do dogma da retribuição.

Os amigos de Jó (Elifaz, Baldad e Sofar) e mais um jovem um tanto atrevido (Eliú) se dedicam a explanar a seguinte tese: *a de que o justo de Deus não sofre, não tem padecimentos, não experimenta provações nem opressões (4,6-8)* (ROSSI, 2005, p. 10). E assim, vão lançando a todo instante no rosto de Jó que se ele passa por dificuldades e sofrimentos é porque está em pecado (5,8; 8,4; 22,23).

Mas, Jó protesta contra essa resposta simplista e mecânica indicando o seu próprio caso como refutação dessa teologia, pois se declara ser um inocente que sofre. Em seu desabafo, Jó não chega a amaldiçoar a Deus, mas se queixa dele. *Jó vive seu sofrimento como um abandono por parte de Deus* (GUTIÉRREZ, 1987, p. 34).

Os discursos dos quatro interlocutores de Jó estão recheados de belas palavras e de afirmações eloqüentes e grandiosas. Tudo isso com o propósito de defender a Deus. Isso porque uma questão intrigante se apresenta: se Jó sofre e é inocente, então Deus seria culpado ao castigar um inocente. A isso os representantes da teologia oficial se dedicam com afinco na defesa da justiça de Deus. Se não se pode condenar a Deus para defender o homem não seria também plausível dizer que tampouco se pode condenar o homem para defender a Deus?

Jó, porém, recusa todas essas afirmações (21,30-34) chamando seus amigos de mentirosos e dizendo que os três são inventores de mentiras e conselheiros de fracassados (13,4-5). *Ele suplica aos seus interlocutores, a renunciar, a uma vã tagarelice e a calar diante do enigma de sua aflição para escutar o que está acontecendo* (TERNAY, 2001, p. 32). Os amigos não se cansam e nem se incomodam e praticamente prosseguem repetindo as mesmas coisas em seus discursos. Era a teologia oficial, a catequese que receberam.

O bate-boca entre Jó e seus amigos comporta uma denúncia da maneira de compreender Deus de uma teologia. Portanto não é apenas um bate-boca, um falatório entre amigos, em si, mas antes tem uma catequese por trás dos diálogos. Arte literária e visão teológica caminhando juntas.

Os diálogos entre Jó e seus amigos vão se repetindo e repetindo também as mesmas idéias sem que haja progressão alguma da reflexão.

O narrador quer mostrar que os discursos dos amigos não se desenvolvem, não saem do lugar porque esses defensores da tradição estão preocupados com o dogma e não com a vida. É um discurso previsível.

A multiplicidade das palavras não faz essa teologia se tornar correta. Não é pelo muito falar que aquilo que se está dizendo acerca de Deus tem total plausibilidade. Não é pelo muito falar, pela eloquência da argumentação, que aquilo que se diz sobre Deus se torna correto. Não é pela força da repetição que os argumentos explanados se tonam verdade. O problema está na raiz do discurso na imagem equivocada de Deus.

É preciso lembrar que Jó também tem em mente a teologia da retribuição. Ele percebe a partir de sua vivência que ela não é suficiente para responder à sua realidade, mas também não tinha outra para colocar no lugar da teologia oficial. Por isso se apresenta não como homem da paciência, mas sim um crítico rebelde. Rebelde contra o sofrimento inocente, contra a teologia que o justifica e inclusive contra a imagem de Deus que essa teologia apresenta.

O debate se encerra de maneira inconclusa. E a parte poética termina com novamente um monólogo de Jó (29,1-31,40). Jó descreve sua condição do mais alto lugar ao mais baixo possível. Relata que era tido em sua sociedade como alguém da mais alta respeitabilidade. Com a descrição de seu comportamento se apreende que toda a grandeza de Jó era uma grandeza moral (29,12). Ele age como uma pessoa sábia, a sabedoria da Lei de Israel. Jó apresenta um comportamento ético, era imputável, não tinha erro. Assim, pensava que seria abençoado (29,18). Mais uma vez Jó se contrapõe ao esforço de seus amigos em mostrar que ele havia feito algo de errado. Afirma que Deus vê todas as coisas e sabe que ele não tem nenhuma falta (31,4).

Jó declara que está vivendo um infortúnio, mas que não é um malfeitor. Percebe-se que o problema dele é garantir a justiça de Deus. Seu conflito se dá pelo fato de viver uma situação de sofrimento e não conseguir entender o motivo se Deus é justo.

A partir de 31,7 Jó faz um discurso bastante ousado. Diz que aceita ser maldito se for encontrado nele algum erro. A glória de Jó é ter sido ético em seu comportamento. É, portanto na relação com o outro que analisa a sua vida. Ele não fala de seus bens, pagamentos de dízimo, de suas orações, fala de ética.

Chega a conclusão que a teologia da retribuição não dá conta de responder a sua realidade. Ele se revolta contra o dogma. Ele espera e deseja a resposta de Javé (31,35).

A resposta de Javé

Deus intervém (38,1-41,34), mas ao invés de responder se Jó está certo ou errado, mergulha-o num mar de enigmas e questões. Deus veicula suas próprias interrogações, que parecem levar Jó a ver sua insignificância e impotência diante da presença de Deus, bem como sua falta de compreensão sobre a maneira como o mundo funciona (CERESKO, 2004, p. 94).

Na verdade Deus não responde. Uma teologia verdadeira não é apodíctica. Deus vai mostrar que Jó está rodeado de mistérios e enigmas e que para ele viver bem não precisa ter todas as respostas. Quando não se consegue aceitar que é possível viver bem sem obter respostas para tudo não se está aceitando ser humano.

Deus vai submeter Jó a uma série de interrogações (38), com as quais quer dizer a Jó que não existem apenas as suas questões, mas muito mais, das quais não se tem resposta. Mas essa fala não é para acomodação, uma espécie de espiritualidade de resignação. O desafio é saber que jamais se terá a chave do conhecimento de tudo, mas mesmo assim viver de maneira engajada com a história e a vida.

Javé fala de dentro do sofrimento humano do meio da tempestade (38,1), não como quem se coloca a parte da realidade preso ao dogma. A teofania transmite a Jó uma nova perspectiva sobre o seu sofrimento, de modo que ele já não precise das respostas e explicações que buscou com tanto afincio (CERESKO, 2004, p. 95).

Jó havia lutado de todos os modos para provar sua honra e justiça, não temendo acusar e desafiar até o próprio Deus. Contudo, com essa apresentação da ciência, grandeza e cuidado de Deus por toda a criação, ele se vê forçado a reconhecer a própria pequenez e lugar diante do mistério insondável de Deus. Todos os seus argumentos caem por terra, e ele nada mais consegue acrescentar. Por isso Jó opta pelo silêncio, por tapar a boca com a mão (40,4), na certeza de ter falado sem conhecimento

Jó responde a Deus falando do conhecimento limitado que tinha dele. Ele conhecia a Deus por uma teologia de segunda-mão, pela imagem de

Deus conforme a Teologia da Retribuição. Agora Jó tem sua própria experiência com Deus. Por isso ele declara: eu te conhecia só de ouvir. Agora, porém, os meus olhos te vêem (42,5).

Javé também tratou de falar com os amigos de Jó. Mas a eles censurou por não terem falado corretamente dele (42,7). A maior ironia do livro de Jó é que Deus não dá razão aos que o defendiam. É mais fiel a Deus quem questiona os dogmas, a tradição do que quem defende a Deus por meio da tradição.

Uma contradição

No final do livro (42,10-16), dentro da moldura em prosa que agora fecha a narrativa, têm-se também a negação de tudo que se havia dito até agora. É a tentação do *happy end*, do final feliz. *Com grande probabilidade deve ter sido um acréscimo, obra de alguém inconformado com a solução a que Jó chegou: resignar-se diante do desígnio insondável de Deus* (VITÓRIO, 2009, p. 14).

3. UMA CATEQUESE PARA OS QUE SOFREM

Por meio do livro de Jó o autor deseja fazer uma nova catequese para aquele povo que havia voltado do exílio confiando na restauração. Eles regressaram cheios de esperança a partir de uma teologia: fomos fiéis a Javé, não adoramos a Marduc e agora regressamos e tudo será uma maravilha. Mas como isso não aconteceu, entraram em crise.

O autor do livro de Jó deseja tratar de questões que deviam estar perturbando sua comunidade nas difíceis e confusas circunstâncias desse período pós-exílico – o significado do seu sofrimento e a majestade e mistério do Deus a quem prestavam culto (CERESKO, 2004, p. 78).

Jó é um personagem que vai encarnar o povo sofredor que se recusa às explicações da teologia tradicional (amigos). Ele não se apresenta tão somente como um indivíduo, mas como um dos muitos camponeses que perderam seus rebanhos, suas terras e até mesmo seus filhos e filhas (ROSSI, 2005, p. 14). O autor se posiciona ao lado dos pobres contra um sacerdócio abastado e os poucos possuidores das terras. Propõe outro

método de fazer teologia a partir do sofrimento abrindo mão da dogmática que cala o sofredor. É o método da escuta.

O narrador mostra um Deus que não cria em volta de seus fiéis um muro de proteção. Deus não polpa seus fiéis como satã alegou ao dizer que Javé havia colocado um muro de proteção ao redor de Jó. Assim, a mensagem transmitida é que na vida de um homem de fé existirão tristezas e alegrias, pois isso faz parte da vida humana. De certo modo o erro de Jó é não aceitar que é possível viver mesmo quando tudo não é tão claro, mesmo quando não forem respondidas todas as questões.

O desafio consiste em manter-se fiel na hora da dor, no fracasso. É nesse momento que o ser humano decide-se diante de Deus. O narrador também fala de uma confiança de Deus no ser humano. Deus acredita em Jó ele sabe que Jó é sincero em sua fé. Um ser humano que mesmo submetido à provação, mas que é ciente de que Deus não o abandonou. E embora o ser humano possa fracassar, Deus confia nele.

A história que aparece na moldura é presumivelmente dirigida a pessoas que tinham terras e rebanhos, mas que haviam perdido tudo (ROSSI, 2005, p. 15). E agora precisavam aprender que mesmo diante de toda pobreza e sofrimento podiam viver bem, pois isso não significava um abandono por parte de Deus. Assim, a verdadeira religião consiste no encontro amoroso de duas liberdades: de Deus e do ser humano. É a gratuidade da fé. Nesse encontro gratuito um vai confiar no outro qualquer que seja a situação.

Jó não pede restituição dos bens para mostrar que não estava errado. Ele quer entender a situação e não pede para mudá-la. Pode-se ser feliz mesmo que nem tudo vá bem. Normalmente quem sofre só aceita se houver uma mudança em seu favor, mas no final Jó compreende que pode ser feliz, abençoado mesmo sem que nada mude ou seja explicado. É preciso compreender o relacionamento gratuito com Deus, amá-lo porque ele é amável.

Uma religião de retribuição não é profunda. Quem percebe a possibilidade de uma religião interesseira é o satã. Portanto, uma religião assim só pode ter algo de "satânico". Na resposta da mulher de Jó está presente um tipo de religiosidade superficial, simplista.

Mas, na religião gratuita entende-se que o sofrimento não invalida o amor de Deus (1,21). O sofrimento não é porque Deus deu um cochilo e satã aproveitou. A vida não é só desolação e nem tão pouco apenas consolação. Se o ser humano não está preparado para essa realidade ele entra em crise.

Percebe-se que, num momento, o narrador mostra que Jó não aceita sua condição de ser humano e sua condição de criatura. Quem também encarna esse comportamento vai sempre estar em litígio com alguma coisa. Não se aceita sua condição criatural. A resposta a muitas perguntas é simplesmente devido à condição de ser humano e não um ser angélico. Não se tem muitas vezes como mudar a realidade, o que tem que mudar é a nossa atitude diante da realidade. Mesmo que não se compreenda sabe-se que aquilo não é um castigo de Deus. Deus ama, mas não coloca o filho numa redoma.

No entanto, não se tem uma mensagem alienadora, onde a responsabilidade do mal é retirada do ser humano. Satã no livro de Jó pode e deve ser identificado com aqueles que oprimiam e exploravam o povo. A ontologia do mal entra na tradição bíblica depois do contato com os persas. O correto é pensar o mal numa ética, na antropologia. O mal que acontece por conta do ser humano deve ser responsabilidade do ser humano. A Teologia da Retribuição tira a responsabilidade do ser humano e responsabiliza Deus. Mas o ser humano é livre e responsável. Jó não se aliena e não se acomoda. Não é apagar da vida a parte negativa.

A teologia vigente da época de Jó assegura que a vida do ser humano vai ser uma decorrência previsível. Assim, cria uma imagem de um Deus passivo que não pode intervir na história, pois está tudo determinado pela ação humana. As ações de Deus se tornam previsíveis e Deus se transforma num ídolo manipulável. Dessa maneira, quando se radicaliza essa teologia se esquece da imagem do Deus salvador.

O livro muda o paradigma da imagem de Deus desafiando ao sofrido da época a um novo entendimento de Deus e seu agir e amor. É contra a imagem de Deus produzida pelos teólogos oficiais que Jó se rebela. Um Deus que dá riqueza para uns e pobreza para outros segundo os seus méritos. O que de fato protegia os ricos numa ideologia de que se eram ricos é porque eram os aprovados por Deus e por isso abençoados. Os pobres eram, dessa forma, reprovados diante de Deus e por isso não tinham o sinal da bênção apregoado pela Teologia da Retribuição, a riqueza.

O livro de Jó segue o objetivo de aliviar o jugo dos que sofrem. Se sofrem, não é porque estão sendo castigados por Deus devido a algum pecado que cometeram. Não é a partir da teologia e do dogma que se analisa a realidade da vida, mas sim a partir da vida que se faz teologia.

A catequese clama por uma religião de gratuidade. Ou seja, os repatriados deveriam amar a Deus e acreditar em seu amor mesmo diante de todo o sofrimento simplesmente porque Deus é amável e a bênção em temer a Javé já é o próprio temor a Javé.

A catequese alivia o fardo imposto pela Teologia da Retribuição quando Deus rejeita as palavras dos amigos de Jó. Eles não falaram acertadamente sobre Javé. Deus não é previsível e nem manipulável pelas ações do ser humano. Religião, portanto, não é uma barganha, mas uma relação baseado no amor, no encontro das duas liberdades, o homem e Deus.

O consolo se dá a todos os sofridos e fracassados em suas esperanças, espoliados pelos próprios irmãos, perdendo tudo o que possuíam, simplesmente pela presença de Javé no meio da tempestade. Ele responde a partir e dentro da situação de sofrimento.

CONCLUSÃO

O livro de Jó vai além da personificação de uma pessoa frustrada com a religião javista, personificando a humanidade e o sofrimento. Os questionamentos de Jó também podem ultrapassar as fronteiras da relação do homem com Deus e acontecer também no nível dos relacionamentos interpessoais.

Nisso tudo, a grande questão é sobre a existência de uma religião e/ou relações gratuita. Não basta ser totalmente correto nos preceitos religiosos. O importante é sondar a motivação e até quando permanece a fidelidade. Até que tudo vá bem ou mesmo diante do sofrimento? Ser fiel para estabelecer uma relação de barganha ou por um amor gratuito?

A mensagem do livro de Jó é pertinente para os cristãos de hoje, que vivem uma religião permeada por discursos encharcados numa teologia de prosperidade e de barganha com Deus. Onde os que não prosperam, não possuem riquezas é porque não têm fé. O problema está na raiz do discurso na imagem equivocada de Deus.

É oportuno que nesse tempo se levantem pessoas como Jó que confrontem a realidade com a teologia da retribuição que permeia até as relações interpessoais. Pessoas que estejam dispostas até a serem odiadas pela crueza de suas palavras na proclamação da possibilidade de uma religião gratuita. O nome de Jó em hebraico é IYYOB que tem em sua raiz o verbo

odiar. Esse nome pode ser a forma passiva do verbo odiar. Assim, o autor pode ter escolhido de forma proposital o nome “Jó” dando um valor simbólico no sentido de que Jó seria aquele odiado, hostilizado pelos seus amigos.

Quem se coloca a confrontar o que Jó confronta, ontem e hoje, não será muito popular, e poderá até ser hostilizado, porque a teologia da gratuidade retira as teologias que têm em sua raiz ideologias que protegem os poderosos e as instituições. Mas, no entanto, aproxima o pobre de Deus promovendo uma religião por amor e uma imagem de um Deus simplesmente amável. Amar a Deus sem desejar nada em troca é o lema do livro de Jó, do odiado por muitos, mas amado por Deus.

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª edição. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento*: espiritualidade libertadora. São Paulo: Paulus, 2004.
- DIETRICH, Luis José. *Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos*. Estudos Bíblicos, Petrópolis: Vozes, v. 30, pp. 32-43, 1991.
- DIETRICH, Luis José. *O grito de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- GUTIERREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Uma reflexão sobre o livro de Jó. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HEINEN, Karl. *O Deus indisponível – O livro de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- PRÉVOST, J. P. *Dizer ou maldizer seu sofrimento?* As tramas do livro de Jó. São Paulo: Paulinas, 1997.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Os caminhos da teologia e a antiteologia no livro de Jó*. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, Petrópolis, nº 50, pp. 76-79, 2005b.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A falsa religião e a amizade enganadora – o livro de Jó*. São Paulo: Paulus, 2005.
- STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jó: o desafio da verdadeira religião*. 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.
- TERNAY, H. de. *O Livro de Jó*. Da provação à conversão, um longo processo. Petrópolis: Vozes, 2001.